

RELAÇÕES ENTRE MINERALIZAÇÃO AURÍFERA E GRANITO – ESTUDO PLURIDISCIPLINAR DO DEPÓSITO DE OURO DO GRANITO PASSA TRÊS (LESTE DO PARANÁ, BRASIL)

Dressel, B. C.^{1,2}; Chauvet, A.¹; Trzaskos, B.²; Biondi, J. C.²; Bruguier, O.¹; Monié, P.¹; Villanova, S. N.³; Newton, J. B.³

¹UMR 5243, Géosciences Montpellier, Université de Montpellier, cc60, 34095 Montpellier Cedex 5, França

²Departamento de Geologia, Universidade Federal do Paraná, 81531-970, Centro Politécnico, Av. Coronel Francisco Heráclito dos Santos, 210, Curitiba - PR, Brasil

³Mineração Tabiporã, 83606-177, Rua Maria Aparecida de Oliveira, 803 - Lt. São Gerônimo, Campo Largo - PR, Brasil

RESUMO: O Granito Passa Três localiza-se no leste do Estado do Paraná, sul do Brasil e apresenta formato alongado segundo a direção NNE-SSW. Esse corpo granítico está alojado nos metapelitos de idade paleoproterozoica do Grupo Açungui (Cinturão Ribeira, Província Mantiqueira), entre as falhas transcorrentes de Morro Agudo e Lancinha. Estas falhas formam um corredor de deformação denominado Sistema de Transcorrência Lancinha, de direção N40°E. A mineralização aurífera do Granito Passa Três é constituída por veios de quartzo com espessura centimétrica a métrica contendo, além do quartzo como ganga, sulfetos (pirita, calcopirita, galena, molibdenita), fluorita, clorita, muscovita, sericita e carbonato. Esses corpos mineralizados são bastante segmentados e exibem diferentes texturas internas, como texturas maciças, bandadas, cisalhadas e/ou brechadas. Foram identificados dois sistemas principais de falhas e de filões, N-S e E-W, com mergulhos de 60-75°W et 45-70°S, respectivamente. Em campo, rejeitos normais são os mais frequentes, onde os veios mineralizados estão alojados em sítios de abertura, tipo *pull-aparts*, desses sistemas de falhas. Essa configuração é observada em diferentes escalas, desde a de afloramento até em seção delgada. Nesses termos, observações petrográficas e de campo indicam que a formação dos veios mineralizados teria ocorrido em quatro fases: Fase 1 [alteração de sericita e clorita, colocação de aplito], Fase 2 [Quartzo 1], Fase 3 [Quartzo 2 + Pirita 1 + Galena 1 + Ouro 1 + Calcopirita 1] e Fase 4 [Pirita 2 + Calcopirita 2 + Ouro 2 + Galena 2 + Fluorita]. O ouro se encontra principalmente na Pirita 1, localizado em *pull-aparts* e fraturas perpendiculares à atitude do veio, estando frequentemente associado à Calcopirita e à Galena. Esses dados sugerem um modelo estrutural de formação em contexto extensional, onde a entrada de fluidos seria contemporânea ao desenvolvimento de estruturas normais polifásicas. Adicionalmente, são observados aplitos e pegmatitos nas proximidades de alguns veios mineralizados, interpretados como estágios finais do magmatismo. Também são observados cristais de feldspato (adulária?) nas bordas de certos veios, os quais podem representar a presença de material magmático como preenchimento precoce dos veios de quartzo hidrotermal, questionando portanto a existência de ligação entre o magmatismo e a formação dos veios. Com intuito de compreender a transição entre as fases magmáticas tardias e a hidrotermal, análises geocronológicas estão em andamento a fim de determinar as idades do magmatismo (U-Pb em zircão), do hidrotermalismo (Ar-Ar em adulária e muscovita) e da mineralização (Re-Os em molibdenita). Com o auxílio desses novos dados, espera-se contribuir com a compreensão do modelo de depósitos de ouro do tipo «granite-hosted» e, em particular, com o caso específico representado pelo depósito do Granito Passa Três, onde os veios de quartzo não associados a *stockwork*, encontram-se mineralizados somente no interior do granito, não sendo observados nas rochas encaixantes.

PALAVRAS-CHAVE: MINERALIZAÇÃO AURÍFERA; GRANITO PASSA TRÊS; NEOPROTEROZOICO